

Esboço de análise das formas literárias dos romances *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e *Um Defeito De Cor*, de Ana Maria Gonçalves

Outline of an analysis of the literary forms of the novels 'Ponciá Vicêncio', by Evaristo Conceição, and 'Um Defeito De Cor', by Ana Maria Gonçalves

Fernando Matias¹

Resumo: Este artigo apresenta um esboço de análise das formas literárias dos romances *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Seguindo Lukacs em *A teoria do romance*, defendemos que ambos os romances nos mostram, por meio de suas formas, um novo momento da produção cultural brasileira, onde os conflitos não podem ser ocultados nem conciliados com a ordem, levando ao primeiro plano a exposição da violência para acirrar as tensões provenientes da desigualdade social. Isto dialoga com a proposta de “dialética da marginalidade” de João Cézar de Castro Rocha, onde a relação entre ordem e desordem não é mais conciliada pelo polo dominante, porquanto se deseja aprofundar este conflito, sem almejar conciliação ou superação. Esta leitura remete a “dialética da malandragem” de Antonio Candido. Dito isto: primeiro, caracterizamos o processo de dominação social baseado na violência cotidiana contra os negros; em seguida, abordamos alguns elementos formais das obras para mostrar como elas indicam uma nova relação acerca da produção cultural brasileira contemporânea; e, por fim, apresentamos a dialética da marginalidade proposta por Castro Rocha.

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. E-mail: siqueira_fernando@yahoo.com.br.

Palavras-Chave: Ponciá Vicêncio; Um defeito de cor; Dialética da malandragem; Dialética da marginalidade; Literatura e sociedade.

Abstract: This article presents an outline of an analysis of the literary forms of the novels Ponciá Vicêncio, written by Conceição Evaristo, and Um defeito de cor, by Ana Maria Gonçalves. Although these novels narrates stories about a Brazilian and African past in wich social processes are based on social domination based on social domination grounded on daily violence against blacks, we defend that both novels can tell, through its forms, a new moment in the cultural Brazilian production, where the conflicts can't be hidden or reconciled with the order, leading to the first plan the exposition of violence to intensify the tensions arising from social inequalities. This hypothesis dialogues with the proposal of "dialectic of marginality" developed by João Cezar de Castro Rocha, where the relation between order and disorder is not anymore reconciled by the dominant pole, inasmuch as it is desired to deepen this conflict, without seeking conciliation or overcoming. This reading refers directly to the "dialectic of malandroism" of Antonio Candido. For this reason, we first characterize the process of social domination based on daily violence against the blacks; next, we address of some formal elements of the works to show how they indicate a new relationship about contemporary Brazilian cultural production; and, to ending, we present the dialectic of marginality proposed by Rocha. Our method is the immersion in the object to realize an immanent analysis of the forms of these novels and, from this, to understand the society.

Keywords: Ponciá Vicêncio. Um defeito de cor. Dialectic of malandroism. Dialectic of marginality. Literature and society.

1. Introdução

Este artigo esboça uma análise das formas literárias dos romances Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. A hipótese é que mesmo apresentando processos sociais fundamentados na violência cotidiana contra os negros, referentes ao Brasil do século XIX e começo do XX, bem como sobre a África do século XIX, estes dois romances revelam, mediante a análise de suas formas, elementos para pensar a produção cultural brasileira contemporânea. Referimo-nos a emergência de uma nova dinâmica na dialética entre ordem e desordem, que não tem mais um impulso de superar este conflito pelo polo da ordem, como na análise clássica de Antonio Cândido (1993) acerca da dialética da malandragem. Agora, busca-se acirrar o conflito entre os dois polos, levando a exposição sistemática da violência ao primeiro plano como uma forma de confrontar a desigualdade social. Isto foi caracterizado por João Cezar de Castro Rocha (2004) na denominada dialética da marginalidade.

Diante dessa problemática, dividimos o corpo do artigo em quatro partes: na primeira, descrevemos o processo social baseado na violência cotidiana contra os negros, mostrando como isto parece indicar uma nova disputa colonial

na África e, no Brasil pós Abolição (1888), a permanência do negro no mesmo lugar de subordinação social; tal processo é permeado pela violência, mas também por diversas formas de resistência. Na sequência, abordamos elementos da forma literária dos romances, demonstrando como os desenvolvimentos de suas tramas estão pautados na violência cotidiana contra os negros e na ancestralidade africana como mecanismo que gera possíveis desdobramentos no enredo. Nessa parte, caracterizamos como as formas literárias trabalham a dinâmica entre ordem e desordem em uma nova chave. Por fim, fizemos uma caracterização da dialética da marginalidade e buscamos demonstrar como os dois romances que estudamos podem ser lidos a partir desta categoria.

Em coerência com nosso objetivo, nosso método consiste, basicamente, em realizar uma leitura imanente de alguns elementos formais dos romances Ponciá Vicêncio e Um defeito de cor. Lukács (2000, p. 29), n'A teoria do romance, diz que "a forma é o verdadeiramente social na literatura; a forma é o único conceito que podemos obter da literatura e com cuja ajuda podemos proceder à relações entre sua vida externa e interna". O romance, ao trabalhar os dados sociais, cria uma totalidade plena de sentido, capaz de indicar algo significativo sobre a totalidade social. Assim, o modo como estão organizados os conteúdos sociais diz mais sobre a sociedade do que os próprios conteúdos presentes isoladamente no romance. Por isto procuramos captar a maneira como os romances estudados organizaram formalmente os conteúdos sociais para, então, entender o que esta organização revela acerca da dinâmica social.

2. A dominação social contra os negros no Brasil e na África

Ponciá Vicêncio é de 2003, e narra a história de uma família de negros pobres, moradores da roça Vila Vicêncio. Em Ponciá unem-se três gerações: Vô Vicêncio, escravo; o pai de Ponciá, nascido após a lei do ventre livre (1871); e Ponciá, que nasceu após a abolição (o romance não tem localização temporal e geográfica exata, e sabemos que se trata da sociedade brasileira pelo efeito de verossimilhança). Narrando fragmentos do passado e do presente de Ponciá, a trama se desenvolve quando esta personagem parte para a cidade.

Posteriormente, seu irmão mais velho vai procurá-la e, ainda mais tarde, sua mãe. A busca do reencontro familiar e o desvendamento da herança que Vô Vicêncio deixou para Ponciá são os elementos que prendem o enredo.

Um defeito de cor é de 2006, e narra a história de Kehinde, negra nascida no Daomé que viveu livre até os 8 anos de idade, quando foi escravizada e enviada para o Brasil, em 1810. Ela conheceu profundas experiências provenientes da escravidão, seja no navio negreiro, na senzala grande ou na pequena, como escrava alugada ou de ganho. Compra a liberdade e a do filho após vender *cookies* como escrava de ganho e, sobretudo, por um golpe de sorte de cunho religioso. Após conviver durante anos com mulçumanos, ela participa da Revolta dos Malês². Por esta época, ela já tinha outro filho, Luiz Gama, sobrenome proveniente de um fidalgo português branco que vivia no Brasil, com quem ela se envolveu amorosamente. Após a Revolta dos Malês ser abafada, Kehinde foge, até descobrir que seu filho, Luiz, fora vendido como escravo pelo próprio pai, homem viciado em jogos e bebidas. Ela procura a criança em diversos locais do Brasil, sem sucesso, até decidir voltar para o Daomé. Fica na África até descobrir o paradeiro do filho, voltando ao Brasil para revê-lo. Porém, cega e fragilizada, Kehinde teme não sobreviver mais uma vez a longa travessia, decidindo narrar suas memórias para serem entregues ao filho.

² Levante urbano de negros mulçumanos chamados de malês. Ocorreu na Bahia na noite do dia 24 para o dia 25 de janeiro de 1835. Teve influências diretas no conjunto da escravização brasileira (REIS, 2003).

Romance histórico³ e realista⁴, **Um defeito de cor** ficcionaliza várias figuras reais, havendo mais de 400 personagens no enredo. Composto com muita oralidade, tem a originalidade de ser um romance de formação feminino⁵ negro e com autoria negra⁶: dado relevante, comprovando a emergência de um novo sujeito na prosa romanesca brasileira⁷. Partindo da percepção de Kehinde e de sua versão dos fatos, a narrativa transforma a experiência individual em mecanismos para se entender a experiência social dos negros, livres ou

³ Para Lukács (2011), após a Revolução Francesa a história se configurou como o resultado das ações humanas a partir das experiências das massas, e não mais como fenômeno natural. Os homens puderam sentir “que existe uma história, (...) que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por fim, (...) que ela interfere diretamente na vida de cada indivíduo” (LUKÁCS, 2011, p. 38). Sob este solo, Lukács afirmar ter surgido, com Walter Scott (1771-1832), o romance histórico, herdeiro do romance social realista do século XVIII. Os bons romances históricos abordam a história não como algo distante, ilustrativo, e sim como a pré-história do presente. Se **n’A teoria do romance** Lukács (2000) demonstra como, pela forma literária, o romance cria uma totalidade artificial a partir de fragmentos da realidade, porquanto o próprio mundo seria fragmentado, **n’O romance histórico** Lukács (2011) vê a totalidade na história, na própria sociedade. Assim, romances históricos figurariam a totalidade social, não em seus infinitos objetos e relações humanas, e sim na múltipla complexidade que marca suas linhas centrais.

⁴ Para Candido (1993, p. 10) as obras realistas reproduzem a realidade e “Com este fim inventam enredos inseridos em sociedades existentes, reconhecíveis por indícios que o leitor é capaz de conferir com os da realidade historicamente comprovada”.

⁵ Romance de formação, ou *Bildungsroman*, é a narração do processo de formação de aspectos da vida de um personagem, desde a infância à vida adulta (PINTO, 1990).

⁶ Analisando quatro romances de formação femininos brasileiros (**Amanhecer**, de Lúcia Miguel Pereira; **As três Marias**, de Raquel de Queiroz; **Perto do coração selvagem**, de Clarice Lispector; e **Ciranda de Pedra**, de Lygia Fagundes Telles), Pinto (1990) demonstra como este tema é pouco explorado na literatura brasileira. As autoras citadas são de famílias de classe média e “enfocam em suas obras questões que tipicamente afetam mulheres dessa classe”, e mesmo que “se apresentem mulheres de classes mais baixas, a ênfase recai sobre mulheres de classe média ou média alta, o que reflete a realidade das autoras” (PINTO, 1990, p. 29). Estas autoras expressariam, em diferentes momentos, a saída da mulher dos limites do lar e a busca por realização pessoal, não mais nos moldes tradicionais do comportamento feminino. “As protagonistas desses romances expressam portanto essa busca de realização e satisfação que a mulher brasileira empreende” (PINTO, 1990, p. 30). Vale ressaltar não só a condição de classe, mas também de raça destas autoras e de suas personagens, menos para discutir a obra de Pinto, e mais para demonstrar a exceção de romances de formação femininos e negros na literatura brasileira.

⁷ Regina Dalcastagnè (2005) coordenou uma pesquisa que investigou 258 obras publicadas entre 1990 e 2004, pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, extraindo dados sobre o campo literário brasileiro: “Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem [72,7%, 120 entre 165 escritores e escritoras], branco [93,9%], aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (p. 33). Seguindo a autora, a maior parte das tramas se passa em metrópoles, maior porcentagem de protagonistas ou narradores homens, além de tornar ausente ou representar de modo estereotipado mulheres, figurando brancas como donas de casa e as negras como empregadas domésticas, e os negros como marginais ou bandidos, por exemplo.

escravizados, no Brasil do século XIX. Esse é um dos legados que Kehinde deixa para o filho perdido. Na Revolta dos Malês, ela narra:

Algumas das coisas que vou contar a partir de agora fiquei sabendo mais tarde, juntando pedaços que as pessoas me contavam sobre o que tinham ficado sabendo, ou de que tinham participado. Mas acho melhor contar como se tivesse visto tudo acontecer, como se estivesse presente em todos os lugares onde havia alguém lutando, pela liberdade ou simplesmente para não morrer. (GONÇALVES, 2015, p. 523)

Ponciá Vicêncio não é um romance histórico, mas se assemelha a **Um defeito de cor** em vários aspectos: é um romance de formação feminino e negro, realista, narrado com muita oralidade e o mesmo desejo de entrelaçar a voz do narrador às vozes das personagens, confundindo-se em diversos momentos. Nestes dois romances os narradores individuais cumprem papéis de sujeitos coletivos para apresentarem um painel da vida brasileira e também deixar um espólio: uma visão crítica acerca da experiência social dos negros. Essa experiência tematiza a dominação social do negro e as formas de resistência contra isto.

O momento em que Ponciá deixa a Vila sintetiza a vida dos negros pós-abolição, indicando a perpetuação da dominação social (EVARISTO, 2006, p. 33):

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia [...].

Era como se a vida dos negros, mesmo libertos, não lhes pertencessem. Porém, havia a “resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco” (EVARISTO, 2006, p. 124), sem contar o ato extremado do Vô:

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte.

No tempo do fato acontecido, como sempre os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente de seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. (EVARISTO, 2006, p. 51)

Um defeito de cor, dada sua extensão, aprofunda a relação entre dominação e resistência. Descreve um processo longo de apoio colonial dos países europeus aos reinados africanos, das guerras entre tribos que tornaram seres humanos livres em escravos, da pirataria que favoreceu tanto quem era contra como quem era a favor da escravidão; a exploração das vidas na casa-grande, no eito, nas cidades trabalhando como escravos de ganho ou como libertos; a transferência do dinheiro e do poder da Bahia para as províncias do Rio de Janeiro e São Paulo; a substituição da força de trabalho de negros por estrangeiros e o fim da necessidade do escravismo quando se alteram as condições globais. Nas formas de resistência, temos: suicídios, fugas, constituição de quilombos, revoltas individuais contra senhores e autoridades, motins, levantes, revoltas, irmandades, confrarias, grupos de capoeira e a sabedoria de contrapor-se sutilmente à dominação⁸.

A vida na África é um ponto presente só em **Um defeito de cor**. Kehinde volta a África em 1847. Devido à riqueza acumulada no Brasil, ela dizia que “Se (...) quisesse, a cada seis meses poderia comprar um moleque e colocar ao

⁸ A sinhazinha pedia a opinião de Kehinde, mas nunca aceitava as sugestões. Kehinde diz: “logo percebi, e passei a dizer o contrário do que realmente achava para que, ao me contrariar, ela fizesse o meu verdadeiro gosto” (GONÇALVES, 2015, p. 80).

ganho, mas não queria, pois nunca admiti[u] ter escravos” (GONÇALVES, 2015, p. 694). Na África, Kehinde vende armas e adota uma postura fatalista, analisando que “a vida era assim mesmo e cada um que cuidasse de si, já que diretamente (...) não estava fazendo mal a ninguém”, e se ela não vendesse as armas, certamente “outra pessoa venderia e as guerras iam continuar existindo, como sempre tinham existido” (GONÇALVES, 2015, p. 771). A opção era vender armas ou escravizados, mas ela nunca admitiu a segunda hipótese.

Ela deixa o contrabando de armas para se dedicar a construções de casas ao estilo brasileiro, pois os africanos retornados do Brasil não queriam viver como africanos tradicionais. A maior transformação de Kehinde está na percepção sobre os africanos: estranha a África idealizada na infância e a África que voltara para viver, com mulheres andando com peitos desnudos, pessoas comendo com as mãos e outros fatores culturais do tipo. Se no Brasil ela fugiu para não aceitar um nome de branco, católico, na África adota o nome Luísa Andrade da Silva, colocando em seus últimos filhos nomes comuns no Brasil: Maria Clara e João. A diferença social e cultural vira justificativa para uma suposta inferioridade humana, essencialista, dos selvagens e do atraso social africano⁹, mostrando como na relação com o polo dominador – o europeu ocidental – construiu-se a inferiorização e o atraso do sujeito não-branco.

Percebendo os africanos como selvagens e bárbaros ou se sentindo superior a eles – mesmo não concordando com a tese europeia de que índios e negros não tinham alma e com preconceitos do tipo –, Kehinde, assim como outros retornados, busca distinguir-se deles, demonstrando a maleabilidade das identidades: no Brasil reivindicava sua raiz africana como modo de resistência; de volta à África, mobiliza a cultura ocidental como elemento de distinção social. Esta distinção, junto à sua riqueza e poder de comerciante, lhe garantem acesso aos reis e aos governos de países europeus na África, permitindo-a visualizar uma nova disputa colonial neste continente. No navio rumo à África ela descobriu

⁹ “Muitos dos que foram obrigados a retornar, principalmente os que já eram libertos no Brasil e viviam em boas condições, tinham raiva da África. Geralmente eram mais instruídos e não tinham se conformado com a condição de escravos, lutando até conseguirem sair dela, e se viam de volta a um lugar atrasado, do qual não conseguiam se acostumar” (GONÇALVES, 2015, p. 772).

que a escravidão demoraria a acabar, pois “o tráfico era muito lucrativo para todos, assim como o seu combate” (GONÇALVES, 2015, p. 739). Kehinde aponta uma nova disputa colonial, com Inglaterra e França ganhando espaços enquanto o protetorado português enfraquecia:

[...] o forte d'Ajuda foi definitivamente abandonado pelo governo de Portugal e das colônias, até que foi solicitado, acho que em um mil oitocentos e sessenta e um, por aí, pelos missionários franceses. A presença francesa no Daomé era cada vez maior, enquanto os ingleses, depois de tentarem sem sucesso uma dominação política, compraram Lagos e estabeleceram um protetorado. (GONÇALVES, 2015, p. 879)

Em conjunto, estes enredos parecem retratar um processo de dominação social contra os negros, tanto na África como no Brasil – que não se fez sem resistências –, bem como as consequências desta dominação: uma nova colonização e a percepção de inferioridade humana dos africanos, e uma vida livre para os negros no Brasil colocando-os no mesmo lugar de subordinação social. Esta dominação está ancorada na violência cotidiana contra os negros, violência que é mobilizada de modo sistemático, levando ao primeiro plano sua exposição para confrontar a desigualdade social, tomando conta das formas literárias destes romances.

3. Entre a violência na vida cotidiana e a ancestralidade africana

A caracterização da violência é sistemática, e salta aos olhos do leitor. Nos dois romances, a violência toma conta da vida cotidiana. Em **Ponciá Vicêncio** temos Vô Vicêncio assassinando a esposa e tentando se matar; a violência doméstica do marido de Ponciá; o coronelzinho que faz o pai de Ponciá, quando jovem, de cavalo e, rindo, urina em sua boca; a gradual indiferença de Ponciá com a morte dos filhos; o cafetão que assassina uma prostituta por ela ter se apaixonado e planejado deixar o local; o pai bêbado, morador de um barraco na favela, que atira o próprio filho pela janela por se irritar com o choro do bebê; e, talvez, a pior das violências: o poder se alastrando na subjetividade de Ponciá, levando-a a pura inação, ao bloqueio do vislumbre de qualquer possibilidade de transformação do cotidiano.

Em **Um defeito de cor** temos o estupro e a morte da mãe de Kehinde e o assassinato de seu irmão; a sinhá que, com ciúmes de uma escrava, amante de seu marido, arranca os dois olhos dela, pois seus olhos eram tão lindos que não deveriam pertencer a uma negra; o senhor que prende, chicoteia, sodomiza e chama castradores de porco para capar o pênis de um negro escravizado, porque ele tentou impedir que o senhor estuprasse Kehinde para tirar-lhe a virgindade; a mãe que mata três filhos pequenos enquanto eles dormiam, e em seguida tenta se matar, por quê eles ficaram 15 dias em um cubículo sem luz, recebendo uma caneca de água de arroz por dia.

Se a narrativa da vida cotidiana está repleta de violência, encontramos a ancestralidade africana no âmbito das possibilidades de mudanças, dando dinâmica aos enredos. Em **Um defeito de cor** a ancestralidade africana dá significação à existência da narrativa: a busca do filho perdido. Em um momento da trama Kehinde volta, sozinha, ao escurecer, da cidade para seu sítio. Ela foi interrompida na estrada por dois homens. Um deles aproximou e perguntou se ela tinha dinheiro, e como ela estava com uma bolsinha que brilhava mesmo no escuro, o homem não esperou resposta para tomá-la. Kehinde tinha cento e cinquenta réis, mas vestia-se aparentando riqueza, e os homens desconfiaram, querendo mais dinheiro. Foi quando um de seus agregados gritou alto da estrada, distraindo os homens. Kehinde puxou uma faca que trazia na cintura e, sem pensar, atacou um dos homens mortalmente. Após isto, o agregado saiu do meio do mato gritando e correndo, afugentando o outro homem. A primeira vista isto parece insignificante ao leitor, pois Kehinde não volta ao assunto, tornando-o secreto, e nem há consequências direta sobre isto. Contudo, o assunto é retomado no último parágrafo do texto para explicar as mazelas vividas pela protagonista após assassinar o homem na estrada, pois o espírito dele passou a atrapalhar Kehinde¹⁰.

¹⁰ "Você deu alguma importância quando contei que o Maboke [um sacerdote do Candomblé Bantu] (...) disse que os espíritos dos mortos perseguem seus assassinos, atrapalhando a vida deles por todo o sempre ou até que seja feito um trabalho de limpeza? (...) Não pensei que aquele homem que tinha tentado me assaltar na estrada para o sítio (...) estivesse incluído nesse tipo de espírito. (...) foi por causa [do Piripiri, capoeirista amante de Kehinde] que o Maboke conseguiu descobrir o que havia de errado na minha vida. (...) ao ir embora de São Sebastião, em troca do lenço encarnado deixei para o Piripiri exatamente a bolsinha que estava usando naquela noite

Além deste movimento mais geral acerca do enredo, percebemos a ancestralidade orientando as ações de Kehinde, trazendo dinâmica a narrativa. É assim quando ela compra sua liberdade e a de seu primeiro filho, achando ouro e pedras preciosas em uma imagem de Oxum. Ela descobre coisas a partir dos sonhos, revelados naturalmente por sua avó, praticante vodúnsi, que depois são explicados religiosamente¹¹, entre outros elementos do tipo. Algo parecido acontece com **Ponciá Vicêncio**.

A pouca dinâmica deste enredo reside nas saídas de Ponciá, de seu irmão, Luandi, e de sua mãe, Maria, da roça para a cidade. Eles recebem orientações de Nêngua Kainda, uma negra idosa, sábia e respeitada por todos na região. Ela e Vô Vicêncio representam a ancestralidade africana. Ponciá é a primeira a receber orientação de Kainda, que diz : “para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria” (EVARISTO, 2006, p. 60). Para Luandi, recomenda acolher Ponciá com urgência, antes da herança se manifestar. Ao ver Luandi, faxineiro de uma delegacia, mas que almejava ser soldado, e por isto pegou emprestado o traje de um amigo para ir até a roça, Kainda ri e diz que ele:

[...] estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus. (EVARISTO, 2006, p. 94)

Luandi não leva Kainda a sério: continua desejando virar soldado. À Maria Vicêncio, ela dá notícias de Ponciá e o endereço de Luandi, porém, a orienta que não é hora de ir à cidade. Só depois Maria parte, reencontrando o filho prestes a se tornar soldado. Já no final do romance as orientações de Kainda se

em São Salvador. (...) Por algum motivo qualquer, o Maboque tinha visto a bolsa (...) e teve uma visão comigo, quando ficou sabendo de tudo que tinha acontecido e do quanto aquele espírito já tinha me prejudicado. Ainda continua prejudicando (...). E ele ainda prejudicou você, te afastando de mim, dificultando a sua vida por causa de decisões erradas que eu tomava, às vezes até sem saber por quê. Será que isso explica nossos desencontros?” (GONÇALVES, 2015, p. 947).

¹¹ “Uma das coisas mais importantes que eu tinha aprendido na Casa das Minas foi prestar atenção aos sonhos, pois os voduns falavam comigo por intermédio deles” (GONÇALVES, 2015, p. 617).

demonstram corretas: Maria reencontra os filhos e, mesmo Ponciá já manifestando a herança do avó – a loucura –, a mãe prenuncia: “Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver” (EVARISTO, 2006, p. 125): o barro, elemento com o qual ela e sua mãe produziam diversas obras.

As ideias de Franco Moretti (2009) sobre bifurcações e preenchimentos nos romances modernos podem nos ajudar a pensar a relação entre violência cotidiana e a ancestralidade africana. Para Moretti (2009) “A bifurcação é um “possível” desdobramento da trama; o preenchimento não, é aquilo que acontece *entre* uma mudança e outra” (p. 826, *itálico no original*). O que acontece entre uma mudança e outra, Moretti chama de narrativa da vida cotidiana. Assim, se a dominação social contra os negros é baseada na violência cotidiana, as possibilidades de mudanças acontecem fundamentadas ou significadas a partir da ancestralidade africana.

Acreditamos, por isto, que a estruturação da forma literária destes romances se faz por preenchimentos repletos de cenas da violência cotidiana, daí a exposição sistemática da violência para expor as desigualdades originadas por este processo de dominação social. Por outro lado, as bifurcações, ancorados na ancestralidade africana, permitem possibilidades de mudança ou de significação contra este cotidiano violento. Entretanto, ambos romances não parecem apresentar saídas fáceis para os problemas que levantam, fazendo valer, antes, a própria tensão do conflito do que um movimento de superação.

Rosa Souza (2008) analisa que, neste sentido, **Ponciá Vicêncio** é pessimista, “de certa forma passivo” (p. 125). Baseia-se nas ideias de democracia racial, de Gilberto Freyre, e de homem cordial, de Sérgio Buarque de Holanda. A força ideológica da cultura brasileira, permeada pelo mito da democracia racial, onde não conseguimos identificar o opressor, e pela cordialidade, na qual conciliamos os conflitos, adentra o romance **Ponciá Vicêncio**: nele não há materialização formal dos opressores. De igual modo, a narrativa “apresenta uma descrição edulcorada dos problemas familiares e sociais enfrentados por seus personagens” (SOUZA, 2008, p. 152): a violência

é devidamente aceita e desculpada. Assim, as personagens possuem pouca ação, são quase sem voz, ficando isto ao cargo do narrador. Se Conceição Evaristo desvela os elementos históricos, sociais, políticos e econômicos do racismo brasileiro, o mesmo não se dá “em termos de reivindicações e de propostas de meios para combatê-los” (SOUZA, 2008, p. 126), pois os personagens são incapazes de reivindicar seus direitos por não saberem a quem recorrer. A única saída apresentada como possível é a arte.

Tentando dialogar com esta argumentação, retomamos Antonio Candido, talvez quem melhor abordou a conciliação dos conflitos derivados do mito da democracia racial e da cordialidade levantados por Rosa Souza. Candido propôs, mediante análise do romance Memórias de um sargento de milícias [1852], de Manuel Antônio de Almeida, a ideia de dialética da malandragem, que seria a relação entre os polos da ordem e da desordem. Leonardo, protagonista deste romance, seria o primeiro malandro da novelística brasileira (CANDIDO, 1993, p. 25): extremamente astuto, ele conhece os dois polos, percorrendo-os livremente, tirando vantagens de ambos os lados, sempre em detrimentos de terceiros. Estes polos, da ordem e o da desordem, do mando e do desmando, do rico e do pobre, seria um dado interno à obra que diz respeito à formação social brasileira: em momentos de conflitos o brasileiro estaria mais para o acordo do que para rupturas, mais para conciliação do que para o aprofundamento da tensão.

No romance, Leonardo aventura-se no mundo da ordem e da desordem, relacionando-se com Vidinha (“mulher que se pode apenas amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme os pendores do instinto e do prazer”) e, ao mesmo tempo, com Luisinha (“a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres” (CANDIDO, 1993:40)). Quando o conflito acirra, Leonardo decide ficar com Luisinha. Assim, a superação da dialética entre ordem e desordem se faz pela integração de Leonardo no polo dominante. De outro modo, também os conflitos

brasileiros teriam impulsos para serem integrados na ordem, conciliados, dando a impressão da não existência de conflitos ou de que o brasileiro é pacífico.

Partindo de *Candido*, sugerimos uma leitura oposta à de Rosa Souza (2008), onde Ponciá Vicêncio é lido não só como não tendo um desfecho pessimista ou passivo, mas abrindo portas para se pensar o novo na cultura brasileira. Para isto temos que olhar o romance em sua dinâmica singular, e não imputando nossos anseios de reivindicação ou de soluções para a realidade social: fazer menos papel de juiz de arte e mais de crítico, no sentido de analisar a obra em sua interioridade. Luandi, ao fim do romance, responde negativamente a seu anseio de ser inserido no polo dominador, negando a superação da dialética entre ordem e desordem, procurando tensioná-la, aprofundar o conflito. A reflexão dele no último excerto do romance é longa, porém definitiva sobre este debate:

Luandi José Vicêncio olhava o rosto conturbado da irmã, que caminhava em círculos. Ela era bonita, muito bonita. Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos. Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam parte de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. E ele que queria tanto ser soldado, mandar, bater, prender, de repente descobria de que nada valia a realização de seus desejos, se fossem aqueles os sentidos de sua ação, de sua vida. Soldado Nestor era tão fraco e tão sem mando como ele. Apenas cumpria ordens, mesmo quando mandava, mesmo quando prendia. Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo. Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. Ele, que levava tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. Soldado Nestor, o irmão, não ia concordar com ele. Como explicar para o amigo o que ele acabava de descobrir? Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. (EVARISTO, 2006, p. 126-127).

Luandi alcança a percepção que o faz recusar o impulso integrador por três elementos distintos, mas inseparáveis: a completude da herança de Vô Vicêncio em Ponciá – ancestralidade africana de um povo dominado na dinâmica social brasileira; o sofrimento de Ponciá e seu Vô – pois enquanto estiver vivo na memória este sofrimento e alguém contar esta história, haverá desejo de criação de outro destino; a arte de Ponciá e sua mãe – que contavam parte da história dos negros. Recuperando a ancestralidade, seja pela arte ou pela sofrida história do povo negro expresso em Ponciá, Luandi é capaz de tensionar o conflito entre ordem e desordem. cremos, por isso, que **Ponciá Vicêncio** deve ser lido em chave diferenciada, sobretudo da ideia de cordialidade reivindicada por Rosa Souza (2008). Precisamos partir da relação entre ordem e desordem e, contudo, perceber o anseio de negatividade. Podemos captar, assim, a presença de uma nova dialética, que deseja aprofundar os polos antitéticos e fazer prevalecer o momento negativo – não à toa as reflexões de Luandi se fazem a partir da loucura e da arte, elementos distintos da totalidade social. Por isto, **Ponciá Vicêncio** parece, ao menos, indicar pistas para vislumbrar um novo momento da produção cultural brasileira, do mesmo modo que o romance **Um defeito de cor**.

Aline Gonçalves (2010) compara o romance **Malês: a insurreição das senzalas** [1933], de Pedro Calmon, a **Um defeito de cor**: ambos têm como protagonista Luiza Mahin. Ela argumenta que os valores e pontos de vista dos sujeitos aparecem em suas criações, e Pedro Calmon e Ana Maria Gonçalves expressam, nos romances, seus contextos sociopolíticos. Na obra de Calmon, Luiza é uma princesa africana que, escravizada e humilhada, se revolta contra os brancos, desejando vingança. Calmon representa Luiza como “manipuladora e hipócrita, capaz de qualquer coisa para satisfazer seu ideal” (GONÇALVES, 2010, p. 53). Luiza se junta aos muçulmanos e minas por vingança, para matar todos os brancos e levar os negros ao poder, pois seria proclamada rainha dos malês. Contudo, seu filho, nascido de um relacionamento com um branco, foi sequestrado por um promotor que ameaçou Luiza a desistir da insurreição ou abrir mão de sua prole. Diante do impasse, ela denunciou os planos da rebelião e negou seu próprio sangue, os deuses africanos e os rebeldes, bichos ferozes

do mato, pedindo a Deus para livrar-lhes deles (GONÇALVES, 2010, p. 57). Para Aline Gonçalves (2010), Calmon torna a revolucionária Luiza Mahin em uma mulher submissa, pois o romancista apresenta "um mito negro sob a perspectiva e o olhar do intelectual branco, com seus valores e aspirações implícitos, incluindo aí o ideal do negro civilizado, que se via valorizado ao incorporar elementos que o aproximava dos brancos" (p. 60), buscando, por isso, controlar o negro brasileiro. Já Ana Maria Gonçalves teria cifrado, em seu romance, as reivindicações por políticas de ações afirmativas que emergiram nos anos 1980.

Acreditamos que Pedro Calmon e Ana Maria Gonçalves, em suas narrativas sobre a Revolta dos Malês, expressam diferentes momentos a dialética entre ordem e desordem na sociedade brasileira. O que a composição de Calmon faz se não integrar Luiza no polo da ordem em detrimento de seu povo? Em *Um defeito de cor* a Revolta dos Malês tem o conflito levado até o fim, sem a sedução de Kehinde pelo polo dominante. Após as participações em revoltas, Kehinde precisa fugir, entretanto, não deixa as diferentes organizações de luta, seja na esfera cultural ou social, envolvimento que só finda após a venda do filho por parte do pai, reduzindo sua vida a uma busca pessoal¹².

Assim, se não há solução fácil para os conflitos colocados, não há, também, integração no polo da ordem. Por isto, podemos pensar, a partir da forma literária destes romances, novidades na produção cultural brasileira contemporânea.

4. A dialética da marginalidade

Esta hipótese de trabalho sobre a nova dinâmica na dialética entre ordem e desordem foi proposta por João Cezar de Castro Rocha, em seu ensaio de 2004: *A guerra dos relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a 'dialética da marginalidade'*. Marginalidade não tem sentido pejorativo e representa, "acima de tudo, embora não exclusivamente, a maioria da população empobrecida e excluída dos benefícios do progresso social" (ROCHA, 2004, p. 37). Rocha diz não exclusivamente por se referir, também, à definição de Ferréz sobre o

¹² "De repente, tudo o mais perdeu a importância, os muçurumins, os federalistas, a Cemiterada, a fuga para Itaparica, a viagem para o Maranhão, a Roça da sinhá Romana, os voduns" (GONÇALVES, 2015, p. 631).

movimento da literatura marginal: “cultura da periferia feita por gente da periferia e ponto final” (FERRÉZ *apud* ROCHA, 2004, p. 37). Importante para ler esta nova configuração cultural é o fundamento dialético que Rocha trabalha (2004): a dialética negativa de Theodor Adorno, porquanto ela “não exige a produção final de uma síntese, valorizando antes a própria tensão da co-presença de elementos antitéticos” (p. 62). Se a dialética da malandragem desagua na conciliação pelo polo da ordem, a dialética da marginalidade procura expor os conflitos, ao invés de ocultá-los. O modo de fazer isto é através da exposição sistemática da violência, buscando dar visibilidade à profunda desigualdade social brasileira.

A dialética da malandragem não está superada, diz Rocha (2004): agora ela coexiste com a dialética da marginalidade, que a desafia e cria uma batalha simbólica acerca da produção cultural brasileira. Analisando o romance *Cidade de Deus* [1997], de Paulo Lins, Rocha (2004) levanta características da dialética da marginalidade: ela se caracteriza por uma nova relação entre as classes sociais, onde “o conflito aberto não pode mais ser escondido sob o disfarce do acordo carnavalizante” (p. 37); as obras literárias têm certa natureza coletiva, seja na autoria ou dentro da narrativa; há um uso da oralidade; uma desconstrução da figura do malandro, pois “o malandro só pode sobreviver tirando vantagem do “otário””, e este “geralmente é alguém da própria comunidade do malandro, um dos inumeráveis excluídos” (p. 42); há “ausência de uma perspectiva clara de superação da desigualdade social” (p. 43), o que inviabiliza a convencional absorção pelo polo da ordem; existe o desejo de expressar-se a partir da própria voz; e a exposição metódica da violência para confrontar a desigualdade social.

Rocha (2004) não se preocupa, empiricamente, com os níveis de violência e criminalidade contemporâneos, e sim com a produção cultural. Por isto diz serem expressões da dialética da marginalidade a já citada **Cidade de Deus**, **Capão Pecado** e **Deus foi almoçar**, de Ferréz, **Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)**, de André Du Rap, e **Diário de um detento: o livro**, de Jocenir. São precursores desta dialética Carolina Maria de Jesus, com seu diário **Quarto de despejo**, e Rubem Fonseca, com o conto **O cobrador**.

5. Considerações finais

Ponciá Vicêncio e **Um defeito de cor** também são representantes legítimos da dialética da marginalidade, pois estas obras possuem certa natureza coletiva na narrativa interna, tornando a experiência individual em elemento para se entender a experiência social dos negros face a escravidão e suas consequências; nos dois romances há uma ausência de perspectiva clara acerca da superação da desigualdade social, inviabilizando a absorção pelo polo da ordem; ao menos em **Um defeito de cor** há uma desconstrução da figura do malandro¹³; são obras realizadas por sujeitos que querem expressar-se a partir da própria voz: romances negros, feitos por mulheres negras que construíram, como personagens centrais, mulheres negras, levando para o centro do romance a intersecção entre gênero, raça e classe; e, fundamental, uma nova dinâmica entre as classes sociais, sem ocultamento do conflito: deseja-se expor a tensão entre ordem e desordem, e a maneira de realizar isto é pela exposição sistemática da violência para confrontar a desigualdade social, elemento que os dois romances têm de sobra.

Entender **Ponciá Vicêncio** e **Um defeito de cor** dentro da hipótese de trabalho de da dialética da marginalidade é relevante não só pelas características que levantamos acima, mas sim pelo fato de que Rocha (2004) ilumina autores do gênero masculino na produção cultural contemporânea. As autoras que abordamos são negras, levam a intersecção de gênero, raça e classe para o centro da narrativa, o que pode, talvez, indicar novos elementos sobre a produção cultural brasileira contemporânea, vista a partir de outra experiência. Nossa leitura, porém, é só um esboço de análise das formas destes romances. Outros elementos formais não investigados podem trazer novos dados acerca da produção cultural brasileira contemporânea, sobretudo se considerarmos produções que tragam experiências que considerem critérios não tradicionais na narrativa brasileira, como a experiência de intersecção entre gênero, raça e classe.

¹³ Sobre isto, consultar as páginas 696-698 do romance.

Referências

CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

DALCASTAGNÈ, Regina. "Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea". In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 31, 2008, pp. 87-110.

DALCASTAGNÈ, Regina. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004)". In: Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 26, 2005, pp. 13-71.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

GONÇALVES, Aline. Luiza Mahin: entre ficção e história. Bahia: UNEB, 2010.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

LUKÁCS, Georg. O romance histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2000.

MORETTI, Franco. "O século sério". In: _____. (org.). A cultura do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 823-863.

PINTO, Cristina Ferreira. O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: companhia das letras, 2003.

ROCHA, João Cezar de Castro. "A guerra dos relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a 'dialética da marginalidade'". In: Letras (Santa Maria), Santa Maria, v. 28-29, p. 153-184, 2004.

SOUZA, Rosa Maria Laquimia. Similaridades e diferenças: o negro nos Estados Unidos e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo. São Paulo: FFLCH / USP, 2008.